



Modelo de examen RESUELTO

MATERIA: *PORTUGUÉS*

OPCIÓN A

Eram seis horas da tarde. O día estaba cinzento e húmido. Umas nuvens negras pairavam no ar, anunciando chover a qualquer momento. A estrada estava deserta, como se, de repente, toda a população das aldeias tivesse sido evacuada por causa de uma gigantesca tempestade que se teria espalhado por toda a região, causando graves estragos nas suas casas.

Durante toda a viagem, que já se prolongava há duas horas, só se ouvia o barulho do vento, dos trovões e só se via o clarão dos relâmpagos, ao longe, sobre as montanhas. Senti-me como se estivesse lá em cima, pousada numa nuvem e fosse embalada por uma grande orquestra. Imaginei-me estrela, a dormir tranquilamente no meu lar, à espera da hora de brilhar no céu.

De repente, o ribombar de um trovão estourou no ar, um raio atravessou o meu sonho e fez-me cair na realidade.

Eram oito e meia da noite e já se avistava a velha aldeia dos meus avós. Parei o carro em frente da casa onde passei a minha infância. Abri o pesado portão de ferro, caminhei pelo jardim sentindo o cheiro a terra molhada e bati à porta. Podia ouvir-se o barulho do crepitar da lenha na cozinha. Lembrava-me dos serões típicos da aldeia, com toda a família reunida, junto à lareira, a conversar animadamente durante horas a fio.

Finalmente abriram a porta, a minha avó recebeu-me com um grande sorriso e abraçou-me com saudades. Foi bom sentir-me criança outra vez.

Preguntas:

1. Segundo o texto, qual o tempo em que se desenvolve a ação da protagonista? (2 pontos)
2. Qual é o objetivo da viagem descrita pela protagonista? (2 pontos)
3. Qual o sentimento da protagonista ao fim da viagem? (2 pontos)
4. Quando visita a casa dos seus familiares, quais sensações, sentimentos, atitudes... tem? (4 pontos)



Solución del ejercicio (posible)

1. O tempo é ao mesmo tempo cronolóxico e climatérico. É à tarde, visto haver uma referência às seis horas da tarde e uma outra às oito e meia, de um dia de outono ou inverno. Neste caso, as referências prendem-se com o facto de estar quase a chover, estar vento forte, ameaça de trovoada, não haver ninguém nas ruas. Tudo leva a pensar que a ação se desenvolve nas estações mais frias do ano.
2. Segundo se descreve no texto, trata-se de uma visita familiar. A protagonista volta à casa dos tempos da meninice, à casa dos avós. De facto, é a avó quem abre porta, muito contente de voltar a vê-la, o que faz pensar num afastamento da protagonista com respeito às pessoas da família que se prolonga há bastante tempo.
3. A protagonista sente-se feliz. Ela descreve-o com a ideia de se sentir “criança outra vez”, o que remete para um tempo livre das preocupações da vida quotidiana. É voltar a um tempo de sossego e calma espiritual.

Na visita à casa dos meus avós eu tenho sentimentos encontrados. Por um lado, gosto de lá voltar, mas por outro sinto uma tristeza infinita, porque muitas das pessoas que eu via habitualmente já não estão. É por isso que se faz muito complicado voltar à casa, sentir as ausências, recordar os que lá não estão e nunca mais voltarão a estar. Todavia, a casa recebe também pessoas mais novas, novas vidas, que se misturam com as vidas antigas e passadas e as vidas presentes. Daí que eu prefira já a minha casa, o meu lar, a tranquilidade de quem tem o seu lugar certo, com os seus pertences, que fofam parte da própria vida e que são importantes: livros, discos, fotografias, e até a roupa e os bibelots estão a falar de nós. Entro em minha casa e uma sensação de paz e felicidade acompanha-me. Quando viajo e me afasto dela por uma quantidade de tempo determinada, é da única coisa que tenho saudades. Tenho aprendido a viver com as ausências, que os novos sistemas de comunicação permitem ultrapassar. Mas minha casa... Se pudesse, levá-la-ia comigo onde eu for.



OPCIÓN B

Na sexta-feira passada, pelas 18 horas da tarde, um indivíduo armado tentou roubar um casal de turistas que pretendia encontrar a rua onde morava um amigo. O assaltante ter-se-á aproximado, sorrateiramente, dos dois turistas que estavam de costas para ele e terá encostado uma arma nas costas de um deles. Assustada com a situação, a senhora ficou paralisada de terror enquanto o seu marido tentou lutar com o ladrão que terá deixado cair a arma no chão.

De acordo com o comentário de uma testemunha ocular, a senhora teria entrado em pânico e gritado por socorro. Um polícia de Segurança Pública, que estava perto da zona, teria vindo socorrer o casal e prendido o ladrão.

Segundo as declarações que as vítimas fizeram na esquadra, o assaltante tê-los-ia ameaçado com uma pistola e teria proferido umas palavras em tom desagradável que os levava a crer que lhes pedia todo o dinheiro que possuíam. Como o ladrão não tinha nenhuma arma na mão quando o polícia chegou, tentou livrar-se de culpas dizendo que quem estava armado era o turista.

Tendo em conta as declarações da testemunha, a polícia prendeu o ladrão até o julgamento.

Mais tarde, veio saber-se, por pessoas que conhecem o assaltante, que este já tinha sido preso algumas vezes em diversas localidades do país, pelo mesmo motivo. Teria tentado assaltar várias pessoas à mão armada, mas sempre sem sucesso. Tratava-se de um indivíduo pobre e desempregado, que precisava de arranjar dinheiro. Diziam os vizinhos que como não queria matar ninguém, nunca carregava a sua arma, o que explicava o susto que tinha apanhado quando o turista resolveu atacá-lo, para defender a sua esposa.

Perguntas:

1. Segundo o texto, qual a reação do casal perante o assaltante? (2 pontos)
2. Quais as exigências do assaltante aos turistas? (2 pontos)
3. Afinal, quem e qual era realmente a situação do suposto ladrão? (2 pontos)
4. Já viveu uma situação semelhante, ou conhece alguém que a tenha vivido? (4 pontos)



Solución del ejercicio (posible)

1. O casal ficou assustado, não apenas pelo inesperado do acontecimento, mas pela violência do indivíduo, quer verbal, quer física. A situação é, em tudo, para reagir como eles o fizeram. À procura da casa de um amigo, desconhecedores, portanto, da cidade, não estavam à espera de lhes aparecer um sujeito a pedir tudo quanto levavam acima deles. É para ficar apavorado, realmente.
2. Segundo o texto, o assaltante pedia apenas dinheiro. Não queria, portanto, nem joias ou relógios, mas dinheiro vivo, o que dificulta a reclamação por parte das pessoas afetadas, e, para o gatuno, facilita o seu troco por outros bens.
3. Segundo o texto o ladrão não era mais do que um pobre homem, pobre em termos económicos, mas pobre, principalmente, na vida dele, e por isso mais digno de lástima. É um homem que não trabalha porque não pode, e no cúmulo do desespero, levou a cabo uma ação desesperada, que mais leva à pedir para corrigir essa situação do que para a punir.
4. Por acaso já me aconteceu uma situação muito parecida, há já alguns anos. Eu estava a desfrutar de uma bolsa de estudo na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Saía da faculdade, corri para apanhar o autocarro, que já ia embora, quando aos poucos minutos vários indivíduos entraram nele. Um deles, sentou-se ao meu lado, mostrou-me uma faca enorme, e empurrou-me contra a janela. Eu, assustado, subi-me na cadeira, passei para a cadeira de trás, e corri pelo autocarro a dizer que queria descer. Na paragem seguinte, os assaltantes saíram perante o assombro das pessoas que esperam na paragem e ficaram a saber que o autocarro fora atracado. O encarregado das cobranças, passado o susto, chegou até ao pé de mim, ofereceu-me um bombom, e pediu para eu não voltar a reagir assim, pois a minha vida tinha estado em sério perigo. Sorte do assaltante não se esperar a minha reação e não saber reagir ele também não.